

O CURRÍCULO NA ESCOLA CONFSSIONAL: UMA ANÁLISE DA MATERIALIZAÇÃO DO CURRÍCULO NA SALA DE AULA.

Larissa Sofia Silva Beira (IC)
Marili Moreira da Silva Vieira (Orientadora)
Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

Este artigo é resultado de pesquisa que partiu da pergunta: *como o currículo se materializa na escola confessional?* Tendo em vista o crescimento do número de escolas confessionais, e a discussão acerca do currículo dentro do campo educacional, esta pesquisa se propõe a compreender como o currículo se materializa na escola confessional. Nos baseamos em autores que estudam o Currículo e Finalidades Educativas Escolares, respectivamente: Michael Young e José Carlos Libâneo. Ambos partem do pressuposto de que há um conhecimento basilar que deve ser ensinado nas escolas. Libâneo, através de suas pesquisas, nos direciona a compreender o processo de materialização do currículo, destacando o papel da didática, bem como da identidade institucional, e seu impacto na forma de atuação docente, responsável por este processo de materialização. Entendemos, ao fim deste artigo, a importância do papel da gestão pedagógica e as atribuições feitas aos docentes, bem como a necessidade da formação continuada dos docentes, a qual deve ter impressa em todo o seu processo a finalidade educativa da escola, para que a atribuição seja adquirida como pertença por parte do professor.

Palavras-chave: Currículo. Escola confessional. Prática docente.

ABSTRACT

This article is the result of a research that started from the question: *how is the curriculum materialized by teachers in a confessional school?* In view of the growth in the number of confessional schools, and the discussion about the curriculum within the educational field, this research aims to understand how the curriculum is materialized by teachers in confessional schools. We are based on authors who study the Curriculum and Educational Purposes School, respectively: Michael Young and José Carlos Libâneo. Both assume that there is a basic knowledge that should be taught in schools. Libâneo through his research directs us to understand the process of materialization of the curriculum, highlighting the role of didactics, as well as institutional identity, and its impact on the way of teaching, responsible for this process of materialization. We understand at the end of this article the importance of the role of pedagogical management and the attributions made by teachers, as well as the need for continued training of teachers, who must have printed throughout its process the educational purpose of the school, so that the attribution is acquired as belonging by the teacher.

Keywords: Curriculum. Confessional schools. Teacher practice.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se iniciou a partir do contato recorrente com uma escola confessional de linha cristã reformada. A razão do contato era a realização de um estágio de licenciatura, no qual a seguinte inquietação surgiu: *como o currículo se materializa na escola confessional?* A materialização ocorria todas as terças e sextas-feiras, e a cada semana aprofundei-me nesta dúvida. O tempo passou e, ainda assim, as perguntas pipocavam: *qual deve ser a diferença entre uma escola confessional e uma escola laica? O que deve ser ensinado em uma escola confessional? Há diferença em relação a quem ensina na escola confessional? Há formação para quem ensina na escola confessional?*

Este artigo possui por missão compreender e responder a tantas perguntas realizadas na época, ao notar os desafios que esta escola encontrava em sala de aula, ou seja, na materialização do currículo, o interesse por pesquisar foi despertado. A forma como a escola raciocina o currículo a ser ensinado para os seus alunos é reflexo de suas convicções acerca de quem eles são e de sua identidade institucional, e é a partir dessa visão que estudaremos o currículo desta escola, buscando compreender o que está por trás dele, para que posteriormente conheçamos como se dá sua materialização, e compreendamos os termos e situações que dele derivam.

Estabelecemos uma metodologia, partindo do estudo dos dados coletados no estágio realizado na escola confessional cristã de referência, e buscamos neles a verificação da materialização do currículo nos espaços de sala de aula, pois devido à pandemia da COVID-19 fomos impossibilitados de ir até a escola novamente. Demos sequência no ano de 2021, entrevistando a orientadora pedagógica deste mesmo colégio, objetivando compreender quais são as atribuições colocadas aos professores por parte da gestão.

Buscamos por meio do material de estágio e da entrevista compreender o que ocorre com o currículo na sala de aula, e atrelamos com a proposição realizada no projeto, incluindo a visão da gestão de atribuição e pertença no que tange à relação dos professores com a escola confessional.

Tendo por base analisar os dados obtidos de maneira fidedigna, sem que excluíssemos a perspectiva educacional da instituição, nos fiamos nos estudos de currículo de Michael Young a partir de 1980, os quais partem do pressuposto de que o currículo a ser ensinado é objetivo e possui relação íntima com a sociedade em que está inserido, e que o conhecimento serve como base para a mudança necessária na sociedade, denominando-o como o Currículo Poderoso (*Powerful Knowledge*).

Para compreendermos a filosofia e identidade da instituição, nos apoiamos nas obras de José Carlos Libâneo (2009, 2013), o qual, em seus estudos, define a finalidade educativa

escolar como o pressuposto em que a escola se firma, e que em sua prática esta finalidade deve estar presente. Essa prática precisa permear o currículo, a gestão pedagógica e a didática do professor, ou seja, precisa estar impressa nas ações escolares, fundamentando o que se faz e fará.

Por último, precisamos compreender o que é uma escola confessional cristã, e para esse entendimento nos utilizamos dos estudos de Gomes (2011) e Lopes (2018). Ambos ocuparam a posição de Chanceler de instituições de linha cristã reformada e possuem conhecimento do que é papel de uma escola confessional, para com a fé e a sociedade.

Finalizamos este artigo com a compreensão do que é a materialização do currículo em sala de aula e de quais são as variáveis que afetam este processo, sendo elas: a finalidade educativa escolar; a gestão pedagógica; e a formação continuada oferecida pela instituição. Ressaltamos, ainda, que segundo o que encontramos no processo de materialização do currículo, o processo de atribuição e pertença entre gestão e orientação pedagógica é basilar para manter viva a finalidade educativa escolar durante todo o ciclo educacional.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Currículo

Discutir as concepções de currículo é um desafio que nos colocamos, tendo consciência de que o conceito de currículo varia entre autores e é, por sua complexidade, difícil conceituá-lo (SACRISTÁN, 2020).

Estudar e analisar o currículo é uma tarefa que envolve investigar a experiência humana na construção e sistematização de sua prática educacional. O currículo é espaço de tensão, é espaço de disputas, pois ele implica escolhas, implica valores, interage com os contextos históricos e culturais. Gimeno Sacristán (2020) faz uma sistematização das várias teorizações sobre o estudo do currículo:

Organizando as diversas definições, acepções e perspectivas, o currículo pode ser analisado a partir de cinco âmbitos formalmente diferenciados:

- O ponto de vista sobre sua função social como ponte entre a sociedade e a escola.
- Projeto ou plano educativo, pretensão ou real, composto de diferentes aspectos, experiências, conteúdos, etc.
- Fala-se do currículo como a expressão formal e material desse projeto que deve apresentar, sob determinado formato, seus conteúdos, suas orientações e suas sequências para abordá-lo, etc.
- Referem-se ao currículo os que o entendem como um campo prático. Entendê-lo assim supõe a possibilidade de: 1) analisar os processos instrutivos e a realidade da prática a partir de uma perspectiva que lhes dota de conteúdo; 2) estudá-lo como território de intersecção de práticas diversas que não se referem apenas aos processos de tipo pedagógico, interações e comunicações

educativas; 3) sustentar o discurso sobre a interação entre a teoria e a prática em educação.

• Referem-se a ele os que exercem um tipo de atividade discursiva acadêmica e pesquisadora sobre todos estes temas (GIMENO SACRISTÁN, 2020, p. 14-15).

Nossa pesquisa, como já apontado, objetivou compreender a materialização do currículo em uma escola profissional. Uma escola, como demonstraremos, carrega uma determinada função social, uma determinada finalidade. Para tanto, optamos por analisar o currículo concreto dessa escola, sua configuração e expressão por meio da prática pedagógica, de sua produção em um contexto cultural, valorativo e com códigos próprios.

Para compreendermos esse movimento de disputas, que se relacionam com as diferentes visões da função da escola, da escolha dos melhores conteúdos e das melhores práticas pedagógicas, faremos uma breve incursão em torno das concepções de currículo e de sua relação com a função da escola.

As correntes educacionais que marcaram a história da educação brasileira são: a Tradicional, a Crítica, e a Pós Crítica, e cada uma se enquadra em um momento da história. Elas abriram caminho nos dois últimos séculos para que a teorização em torno do currículo fosse substancialmente desenvolvida, através do emprego de políticas educacionais e pesquisas aprofundadas.

Entre as décadas de 1960 e 1970, predominou no Brasil uma concepção tradicional do currículo, em um movimento massivo de escolarização. Esta concepção deriva de uma linha de educação tradicional que foi muito forte durante a monarquia europeia, por influência da Igreja Católica.

Na visão tradicional, o currículo se constitui com foco no que o professor sabe, sendo este o detentor do conhecimento, culminando em um volume excessivo de conteúdo a ser transmitido e em uma formação demasiadamente densa, que por vezes não considera o aluno como alguém que pensa, ou carece de atenção e afetos, conforme nos detalha Mizukami (1986, p. 8):

O ensino em todas as suas formas, nessa abordagem, será centrado no professor. Esse tipo de ensino volta-se para o que é externo ao aluno: o programa, as disciplinas, o professor. O aluno apenas executa prescrições que lhe são fixadas por autoridades exteriores.

A predominância do currículo tradicional reflete uma determinada finalidade, que se estrutura em função dos valores da sociedade. A visão tradicional se caracteriza por determinadas dimensões do espaço físico da sala de aula e práticas pedagógicas.

Segundo Émile Chartier (Alain, 1978), defensor deste tipo de abordagem, a escolha é o lugar também por excelência onde se raciocina. Defende um ambiente físico austero para que o aluno não se distraia. Considera o ato de

aprender como uma cerimônia e acha necessário que o professor se mantenha distante dos alunos (MIZUKAMI, 1986, p. 12).

A escola é o local da apropriação do conhecimento, por meio da transmissão de conteúdos e confrontação com modelos e demonstrações. A ênfase não é colocada no educando, mas na intervenção do professor para que a aquisição do patrimônio cultural seja garantida. O indivíduo nada mais é do que um ser passivo, um receptáculo de conhecimentos escolhidos e elaborados por outros para que ele se aproprie (MIZUKAMI, 1986, p. 18).

No início da República, na busca de se fortalecer como país e ser respeitado pelos outros países, em especial os Estados Unidos, que estava se apresentando como modelo de tudo que se configurava como modernização, adveio a visão de uma escola que tenha por foco os alunos, contrapondo a visão anteriormente. Uma escola focada na experiência, uma visão progressista, de escola nova.

Em grande parte, a visão do currículo progressista veio por meio de John Dewey, o qual, partindo de uma perspectiva democrática igualitária, iniciou um movimento educacional revolucionário, conforme Souza e Martineli (2009, p.10765) afirmam:

O pensamento filosófico de John Dewey é um dos responsáveis pelo desencadeamento na educação do movimento de renovação das ideias e das práticas pedagógicas conhecido como Escola Nova. Encontrando seu apogeu na primeira metade do século XX, a Escola Nova foi responsável por uma significativa mudança na chamada educação tradicional, que por sua vez era muito rigorosa, disciplinar e centrada no universo conceitual dos conhecimentos, que eram concebidos fora de qualquer finalidade utilitária. Esse tipo de educação, denominado por Dewey (1959), de “escola clássica”, demonstrava-se insuficiente frente às inúmeras transformações históricas, sociais e econômicas ocorridas entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, principalmente nos Estados Unidos, país de origem de Dewey.

A partir das ideias de Dewey, a educação brasileira foi fortemente impactada, o que resultou na publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, no ano de 1932. Este documento revelou que:

(...) A educação escolar era, por essa matriz teórica, propugnada como função social eminentemente pública, estatal, tendo em vista, naquele momento, as restrições progressivas à família na função de educar os filhos, cuja necessária especialidade era então própria dos profissionais do ensino, da educação. Os protagonistas do movimento educacional, que já se automeavam Pioneiros da educação nova, advogavam uma política escolar fundada sobre a aplicação do princípio da autonomia ou da descentralização técnica, administrativa e econômica, e, com ela e a partir dela, cabia aos técnicos educacionais e professores a tarefa de direção e administração da função escolar, mas segundo os cânones do conhecimento científico (XAVIER, 2004, p. 138-139).

Uma das características desta concepção educacional é a mudança do enfoque nas escolas e salas de aula. Se antes o professor era visto como o detentor do conteúdo, centralizador de todo o trabalho pedagógico, agora ele sai de cena e a proposta passa a ser

com foco no aluno, na aprendizagem, na busca de atender as necessidades e demandas destes.

Na década de setenta a concepção curricular que passa a dominar é a concepção crítica. Por isso, o papel do professor é reforçado como não sendo detentor do conteúdo, e ele passa a ser o formador da criticidade dos alunos, para que estes sejam formados como cidadãos críticos e transformadores da situação de dominância, que sejam participantes e atuantes na cultura da sociedade. Essa visão é produto de pesquisas advindas de teóricos considerados libertários, dentre eles Paulo Freire, que é um dos mais influentes da época, e que até hoje reconhecemos, de forma especial, seu legado e influência na escola brasileira. Isso se dá, em grande parte, pela conquista de uma educação para todos, que a cada dia chega a mais pessoas e muda vidas através da educação.

No Brasil, observa-se também que as políticas públicas da educação derivam da Constituição Federal promulgada em 1988, a qual foi relevante para que após o momento do Regime Militar, os rumos do país fossem retomados, e a república passasse a ser de fato democrática.

Portanto, as escolas e, conseqüentemente, o currículo, são afetados por essas mudanças, e a democratização do currículo passa a ser uma prioridade, a fim de que os alunos sejam acolhidos e ensinados, para que de fato a escola seja um modelo de inclusão e ensino.

A visão curricular da perspectiva crítica derivou desse panorama, portanto, os conteúdos foram perdendo a ênfase do trabalho que se faz na escola. A forma dos professores agirem e a relação com os alunos foi também sendo impactada, horizontalizando tais relações a partir de políticas educacionais. A necessidade e a demanda para o acesso massivo à escola e ao conhecimento continuaram ganhando força e visibilidade, enfatizando-se que a educação fosse vista como fonte de libertação e de emancipação.

O currículo foi ampliado para acompanhar a visão que se estruturava na sociedade, tendo em vista que ao buscar a educação para todos, a inclusão destes na escola era fundamental. Portanto, a concepção de currículo muda mais uma vez, sendo reforçada a ideia de diversidade e pluralidade na escola. Essa concepção, chamada de pós crítica, ganhou força na virada para o século XXI, e se soma a visões de libertação e emancipação por meio da educação, potencializando seu poder.

Nesta perspectiva, continua uma orientação para um trabalho pedagógico mais centrado no aluno e na experiência da aprendizagem, mas o que realmente tem força é a vulnerabilidade que eles representam, em função do foco social nas questões de diversidade, de pluralidade, de gênero e etnias.

A força que o currículo tem ganhado na sociedade atual é materializada em políticas públicas e documentos nacionais que instituem o padrão do que deve ser ensinado nas escolas brasileiras, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é parte disso. Nela, temos o enfoque em currículo instrumental com o foco em habilidades sócio emocionais, que culminam no preparo para o trabalho, ressaltando a visão tecnicista que foi tão marcante para o Brasil em séculos anteriores e que hoje, apesar de toda a criticidade almejada, se instaura novamente.

Objetivando contrapor essa visão, temos alguns teóricos como, por exemplo: José Carlos Libâneo, Michael Young, e Julia Malanchen, dentre alguns outros, que dentro da linha crítica, seguem pesquisando e produzindo com o enfoque no conhecimento objetivo, o qual deriva do conhecimento científico nos campos de conhecimento e, conseqüentemente, aplicado ao contexto escolar, é enquadrado nos componentes curriculares.

2.2 O Currículo na perspectiva de Michael Young

A concepção de Young acerca do currículo possui em si duas fases: a primeira foi desenvolvida durante os seus primeiros estudos acerca do currículo, construída a partir da visão crítica, a qual advoga que o currículo deve emancipar os alunos, pois a escola está inserida em uma luta de poderes, conforme ele mesmo afirma, em entrevista a Galian e Louzano (2014, p.115):

Como sociólogo, quando comecei a pensar sobre o currículo, eu queria ver quais teorias sociais eu poderia trazer para essa discussão. Em meu primeiro livro, *Knowledge and Control*, publicado em 1971, o primeiro capítulo, logo depois da introdução, consiste num artigo intitulado “O currículo e a organização social do conhecimento”. Basicamente, eu entendia o currículo como um conjunto de relações de poder. Isso era importante, porque, se fosse possível entender o currículo assim, então seria possível mudá-lo. Era uma resposta, uma reação à ideia de que o currículo era algo fixo e de que todo mundo deveria se adaptar a ele. Eu queria expor a ideia de que, na verdade, o currículo é uma construção social, que reflete certos tipos de interesses, inclui algumas coisas e exclui outras, estratifica o conhecimento, valoriza algumas coisas em detrimento de outras, e que você pode explorar os diferentes interesses envolvidos em todo esse processo. Foi o que esse livro tentou fazer.

Após pensar nesses termos de relação de poder, refletir e desenvolver suas ideias, Young retornou às suas pesquisas, que envolvem as obras de alguns autores como Bourdieu, Vygotsky e Durkheim, que têm como objeto de estudo principal a sociedade.

Os estudos desses autores elucidaram Young, levando-o a uma mudança de perspectiva acerca de qual seria a teoria a respeito da existência de critérios para escolher um tipo de conhecimento em detrimento de outro e de como cada sociedade em sua autonomia justifica a forma como seleciona o conhecimento. Pensando nesses termos, as

experiências vivenciadas por Young na década de 1980, permitiram a ele verificar que o currículo crítico e emancipatório só é possível com o ensino dos melhores conteúdos, do conhecimento que confere poder ao aluno. O termo denominado por ele como *Powerful Knowledge* (Conhecimento Poderoso), carrega consigo a teoria desenvolvida após a mudança de pensamento do autor, como aponta Malanchen (2018, p. 123-124):

O autor afirma que o conceito de conhecimento poderoso é um conceito sociológico e um princípio curricular (...) é uma nova maneira de entender sociologicamente o conhecimento, apesar de suas raízes antigas. Este princípio tem por objetivo enfatizar como a socialidade do conhecimento tem seu caráter objetivo e como isso não desliza para o relativismo epistemológico que tantas outras abordagens sociológicas do conhecimento adentram.

O autor ressalta, diante da necessidade social e do direito individual, que cada cidadão aprenda o que há de melhor a ser aprendido: “os intelectuais afirmam que se entendermos que todo o ser humano tem os mesmos direitos, todos devem ter acesso ao melhor conhecimento produzido até o momento pela humanidade” (MALANCHEN, 2018, p. 124).

Portanto compreende-se que o conhecimento, como princípio no currículo, é fonte de conteúdos científicos e transformadores, juntamente com as políticas educacionais que o antecedem. No entanto, o currículo por si e/ou a sociedade com suas intencionalidades, sozinhos, nada fazem. A ação docente na escola, materializando o currículo, é o efetivo processo pelo qual a formação dos estudantes ocorre. O trabalho de escolha de quais assuntos deverão ser priorizados, e de que forma trabalhar esses assuntos para que haja aprendizagem e desenvolvimento do pensamento crítico, é um processo de contextualização e materialização do currículo.

A questão que se constitui primeiramente é a seguinte: o que, então, esses alunos precisam aprender? É neste ponto que a teoria de Young acerca do currículo avança, pois na discussão a respeito do que aprender, ele classifica o conhecimento a partir de duas finalidades diferentes: o conhecimento cotidiano e o conhecimento poderoso:

O autor argumenta que em todos os campos de estudos há o *melhor conhecimento*, o mais confiável, o mais próximo da verdade sobre o mundo em que vivemos. E é desse conhecimento poderoso que a educação escolar deve se ocupar. Afirmar que existe um melhor conhecimento não significa que seja um bom e outro ruim, mas significa dizer que existem estruturas e finalidades diferentes (Young, 2016). O conhecimento curricular difere daquele baseado na experiência cotidiana. Young (2013) explica que o *conhecimento poderoso* apresenta duas características fundamentais: é especializado em sua produção e transmissão, e esta especialização é expressa nas fronteiras entre as disciplinas e conteúdos que definem o foco e objetivos de estudo. É diferente das experiências que os alunos trazem para a escola ou alunos mais velhos trazem para os ciclos básicos, ou universidade. Esta diferenciação está expressa nas fronteiras conceituais entre a escola e o conhecimento cotidiano (MALANCHEN, 2018, p. 126).

Considerando os dois tipos de conhecimento, entendemos ser necessário compreender “como se escolhe”, e qual deles será enfatizado para que a materialização do currículo revele a função do “para que serve a escola”. Compreender com que fins ela existe é de grande relevância e é a partir da clareza do que a escola intenciona, de qual a sua função, que se poderá escolher e priorizar o tipo de conhecimento que será nela trabalhado.

Destaca-se ainda que não apenas o currículo normatizado, mas também o currículo oculto, devem seguir essa mesma filosofia escolar, pois as ações da escola e dos professores precisam cooperar para o cumprimento de sua finalidade educativa, não como um único alvo, mas todos os dias na formação contínua e no desenvolvimento constante de suas atividades.

Ao pensar que conhecimento deve ser ensinado na escola, precisamos pensar também em como e por quem será ensinado, tendo em vista que a didática é:

Uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino por meio dos seus componentes – os conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem – para, com o embasamento na teoria da educação formular diretrizes orientadoras da atividade profissional dos professores. É ao mesmo tempo, uma matéria de estudo fundamental na formação profissional dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino, cujo resultado é a aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos (LIBÂNEO, 2013, p. 53).

A partir do que Libâneo define como sendo didática, podemos reconhecer que a forma de ensinar atrelada à razão de ensinar se completam. Destaca-se ainda a necessidade de reconhecer a orientação pressuposicional da didática aprendida e ensinada pelo profissional da educação, buscando compreender seus fundamentos, pela razão simples de que a neutralidade não é possível de ser alcançada, especialmente por seres religiosos, afinal:

“Religião” pressupõe um elemento de entrega e compromisso totais em relação ao objeto da devoção, um envolvimento que estamos chamando aqui de amor e confiança últimos dirigidos ao objeto de sua devoção, algo que envolve o ser humano na sua integralidade e que controla e determina, ainda que tacitamente, a direção de seus desejos, sentimentos e intelectões. É por esta razão que mesmo no campo da política, da filosofia e das ciências, todas incursões teóricas, bem como todo modelo explicativo da realidade, estarão intrinsecamente vinculados com o tipo de compromisso religioso último do qual aquela comunidade política, científica ou filosófica se origina (OLIVEIRA, 2011, p. 56).

Bem como o professor não é alguém neutro que ensina o conhecimento sem interpretação e viés, ou imprime em sua didática sua própria forma de ensinar, a escola também não o é. A escola possui pressupostos que lhes são fundamentais. A partir de Libâneo, podemos chamar esses pressupostos da escola confessional de Finalidades Educativas Escolares (FEE), pois elas são relevantes para a compreensão do que seja o objetivo da escola, o qual tem como função nortear todas as práticas educativas nela presentes.

Lenoir (2016) define Finalidades Educativas Escolares como:

[...] indicadores poderosos para se apreender as orientações tanto explícitas quanto implícitas dos sistemas escolares, as funções teóricas de sentido e de valor das quais elas são portadoras, bem como as modalidades esperadas nos planos empírico e operatório dentro das práticas de ensino-aprendizagem. A análise das finalidades permite, assim, perceber sua ancoragem na realidade social, o sentido que elas atribuem ao processo educativo, os desafios e as visões que elas veiculam, bem como as recomendações de atualização em sala de aula (apud LIBÂNEO, 2019, p. 3).

Por isso, ao estudar o conteúdo que deve ou não compor um currículo e estabelecer a didática adequada para trabalhar com ele, faz-se necessário considerar quais são as finalidades educativas da escola, tendo em vista que por meio delas a escola é ancorada, como o alicerce que a sustenta filosófica e proposicionalmente.

O autor também ressalta que as FEE estão presentes em escolas, sendo reveladores do propósito escolar, pois todas as escolas possuem uma filosofia e um objetivo, conforme nos diz:

(...) as finalidades educativas resultam do contexto social, político, cultural, no qual estão implicadas relações de poder entre grupos e organizações sociais que disputam interesses econômicos, ideológicos, políticos. Resultam de um jogo de forças em que se defrontam sistemas de valores, ideologias, tradições, interesses particulares e de distintos grupos sociais que compõem determinada sociedade. Portanto, não são neutras, ao contrário, são diretamente influenciadas pelo contexto social e ideológico, refletindo-se nas expectativas e valores acerca de objetivos formativos, nas políticas para os sistemas educativos e na estrutura e conteúdo do currículo (LIBÂNEO, 2019, p. 4).

As FEE são influenciadas pelo objetivo e pelo meio, conforme o autor nos informa. Dessa forma, precisamos nos atentar à sincronização entre a filosofia da escola, refletida em suas FEE, o currículo e a materialização da FEE na sala de aula, pois nem sempre observaremos a falta de sincronia nos documentos escritos, mas sim na prática educativa que materializa este documento, e por isso a didática também se atrela ao currículo.

Portanto, seja em uma escola pública ou em uma escola confessional, a educação é norteada por uma filosofia educacional, que pode ou não ficar explícita de acordo com a materialização do que foi previsto no projeto pedagógico e nas diretrizes curriculares:

(...) Finalidades e políticas educacionais se concretizam nas diretrizes curriculares, estas, por sua vez, determinantes do funcionamento das escolas e do trabalho dos professores. Além de serem diretamente resultantes das orientações das políticas educacionais, elas necessitam de uma estrutura e de práticas de gestão que assegurem a concretização dessas políticas e dos dispositivos legais (LIBÂNEO, 2019, p. 5).

As escolas confessionais também são norteadas pelas políticas educacionais, bem como os professores, que possuem o papel fundamental de desenvolver práticas didático-pedagógicas, para que o currículo seja incorporado de acordo com a FEE previstas.

As FEE da escola são definidas a partir de seus valores, seu compromisso com a sociedade e sua visão de ser humano. São elas que nortearão o papel dos professores e dos alunos na instituição, e funcionarão como o pressuposto que colaboradores e alunos deverão seguir. Os professores de uma escola confessional devem conhecer e refletir sobre as FEE da escola de modo explícito e de modo constante, para avaliarem suas práticas e posturas.

2.3. O que é uma escola confessional?

A escola confessional é o palco da aplicação dos conceitos anteriormente apresentados nesta pesquisa, pois é dentro dela que queremos ver como o currículo se materializa. Portanto, precisamos antes compreender do que é feito o solo em que alicerçamos esta materialização. Assim, faz-se essencial compreender o que é a escola confessional:

Caracteriza-se por seguir a “confissão” religiosa de uma determinada ordem religiosa ou congregação. Uma escola confessional pode ser católica, presbiteriana, evangélica, etc. Por ser “confessional”, esse tipo de escola professa, por via de regra, uma doutrina ou um princípio filosófico a ser seguido e que se dissemina em suas práticas cotidianas e em seu próprio marketing perante a sociedade. (...) as escolas confessionais, ao contrário das escolas laicas, definem como objetivo primacial de sua prática pedagógica o desenvolvimento de uma opção religiosa e a adoção de uma conduta moral em seus alunos; para atingir essa meta, a escola confessional dissemina os conhecimentos filosófico-teológicos e os princípios educacionais da ordem religiosa à qual se vincula. A escola laica, ao contrário, baseia sua proposta educacional nos métodos teórico-histórico-pedagógicos, construídos e legitimados pelo conhecimento científico, sem vincular-se explicitamente a nenhuma confissão religiosa (BITTAR, 2010, p.1).

Compreende-se, então, que escolas confessionais possuem uma base religiosa ligada a denominações que norteiam a prática educacional destas, moral e conceitualmente falando. No contexto brasileiro, dentro do modelo de escolas privadas, a modalidade confessional é prevista:

Art. 20. As instituições privadas de ensino se enquadrarão nas seguintes categorias:

(...) III - confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior (BRASIL, 2012, s/p).

Por essa razão, ressaltamos que bem como as outras modalidades escolares, como a laica, a particular não confessional, dentre outras, a escola privada confessional contribui com a sociedade formando seres humanos que devem ser cidadãos capazes de exercer seu

papel; a diferença é que, de acordo com a linha confessional que a escola segue, os princípios de formação serão diferentes. Assim, tomaremos como base os princípios cabíveis a escolas confessionais cristãs.

Uma escola confessional cristã deve entender que a formação integral do aluno cidadão abrange sua realidade pessoal e social, mediante a utilização de conhecimentos espirituais, éticos e científicos para transformar a realidade, com vistas à glória de Deus e à prática do bem; não se limita à mera especialização profissionalizante e abrange a educação moral, cujos valores devem permear o comportamento dos educadores e os conteúdos acadêmicos, visando ao desenvolvimento de tais virtudes na vida dos alunos (OLIVEIRA, 2013, p. 04).

Retomamos aqui o conceito de Libâneo, pois chegamos ao que seja as FEE de uma escola confessional cristã. Conforme ele nos disse anteriormente, a finalidade educativa escolar resulta das influências e objetivos que a escola possui, por isso, quando olhamos para uma escola confessional é essencial compreendermos ao que ela é fiel religiosamente, isso significa que:

A escola cristã é aquela que oferece um processo de treinamento e desenvolvimento da pessoa e de seus dons naturais à luz da perspectiva cristã da vida, da realidade, do mundo e do homem. Isto significa o desenvolvimento de um currículo e um programa educacional onde as disciplinas e atividades reflitam explicitamente a mentalidade cristã. Em outras palavras, escola cristã é aquela que ensina ciências, história, comunicação, sociologia, etc. a partir dos pressupostos cristãos, e que adota teorias e filosofias do desenvolvimento humano e da educação que reflitam o ensino bíblico sobre o homem como imagem de Deus (LOPES, 2018, s/p).

Portanto, o pressuposto fundante da fé que a escola confessional cristã segue é o que a norteia como finalidade educativa, e como vimos anteriormente, a finalidade educativa é a base para o desenvolvimento do currículo e da materialização deste por meio da didática.

Neste ponto, podemos compreender então que a identidade de uma instituição educacional confessional cristã é impactante para o desenvolvimento de práticas educativas, tendo em vista que a cosmovisão institucional nem sempre é a mesma dos gestores, professores e alunos e, neste ponto, pode, ou não, haver conflito. Portanto, se dá então um encontro de visões acerca de como deve se proceder a prática educativa, tendo em vista que conforme Libâneo (2013) nos diz, a visão educacional do professor impacta diretamente em sua didática e fazer pedagógico:

A eficácia do trabalho docente depende da filosofia de vida do professor, de suas convicções políticas, do seu preparo profissional, do salário que recebe, de sua personalidade, das características de sua vida familiar, da sua satisfação profissional em trabalhar com crianças etc. Tudo isso, entretanto, não é uma questão de traços individuais do professor, pois o que acontece com ele tem a ver com as relações sociais que acontecem na sociedade (p. 57-58).

Desta feita, compreendemos que a visão do professor é um fator de importância quando falamos da didática com que se ensina, e que sua filosofia é relevante para sua prática. Verificaremos agora como a identidade institucional é relevante para o desenvolvimento da didática do professor, a qual deve ser consonante com a finalidade educativa da instituição.

A Identidade Institucional da escola é de onde jaz a Finalidade Educativa Escolar e, conforme dito anteriormente, quando tratamos de uma escola confessional cristã é necessário que se compreenda seus pressupostos, o que ela é na essência de sua filosofia educacional. É fundamental saber do que ela é feita, para isso separamos as palavras de Gomes (2008):

Em decorrência disto, cremos que todo conhecimento verdadeiro glorifica a Deus, que todo o conhecimento verdadeiro gera benefício para o homem e o saber por si só, já é realização dos propósitos humanos (p. 93).

Uma escola confessional cristã possui o desafio de levar conhecimento poderoso aos seus alunos, conhecimento que de fato transforme a realidade pois é relevante para a sociedade em que está inserido, e que parte de pressupostos que são fidedignos ao que se crê.

Compreende-se também, por meio da fala de Gomes (2008), que as instituições confessionais cristãs enfrentam desafios como outras escolas, e um deles é o epistemológico, que se dá na estruturação de sua visão cristã impressa nos conhecimentos a serem ensinados:

Isso significa que a maior dificuldade epistemológica para o estabelecimento de uma cosmovisão cristã implica absorver suas verdades de modo que sejam, de fato, abraçadas e embutidas no arcabouço pressuposto. O empenho requererá o abandono de posturas e pressupostos que, na maior parte das vezes, estão profundamente arraigados (GOMES, 2008, p. 95).

Por isso, compreender o que de fato é a visão da escola confessional cristã e o que é a finalidade educativa de seu ensino, é fundamental para que o profissional da educação entenda o que deve ser apropriado em sua prática pedagógica e o que há de ser afastado, buscando assim respeitar a cosmovisão da instituição em que ensina e cooperar com a mesma.

2.4 A materialização do currículo observado no estágio em escola confessional

A partir dos conceitos apresentados, exploraremos agora a materialização do currículo em uma escola confessional. Para isto utilizaremos como base as anotações do relatório de estágio realizado a partir da disciplina de Docência na Contemporaneidade, componente curricular que compõe a matriz de formação em pedagogia na Universidade Presbiteriana

Mackenzie. Portanto, os registros realizados neste relatório possuem foco no modo como o professor ensina e desenvolve sua docência dentro de sala de aula.

A escola confessional cristã onde se passou este estágio fica localizada em um bairro nobre da cidade de São Paulo e, por isso, os alunos que estudam nesse colégio, em geral, possuem um alto padrão, tanto financeiro, quanto cultural. Destacamos também que este é um colégio de linha reformada, e por isso possui em muitos aspectos ligações profundas com os princípios da fé que professa, e em cujos documentos isso é explicitado de modo relevante. Também declara que a educação é um dos meios poderosos para formar as próximas gerações, inclusive na fé, e por isso faz uma divisão cuidadosa do que seja a escola e a igreja: “Ser uma escola confessional cristã não pressupõe forçar convicções religiosas em alunos, professores e funcionários, mas preservar a liberdade religiosa e o respeito quanto às crenças individuais e saber fazer a diferença entre academia e igreja (CARDOSO et al., 2019, p. 122).

Apesar de pensarem o ensino da escola e o da igreja de formas separadas, pois estes possuem objetivos diferentes, a concepção do que é ser humano é a mesma para ambas, conforme nos diz GANGEL (2004):

A raça humana foi criada à imagem de Deus. Essa verdade é a base de nossa natureza espiritual, o vácuo dentro de nós que somente pode ser preenchido pelo Espírito de Deus. É também responsável por nossa criatividade humana; por nossa habilidade de pensar, falar, pelos sentimentos internos de certo e errado, pela possibilidade de percepção de beleza, sentimentos de emoções e habilidades de realizar escolhas (p. 98).

Ressaltamos que esta escola em específico, por conta de advir de uma linha reformada, possui bases muito fixas na Reforma Protestante, tendo em vista que esta é significativa para a ciência e para o desenvolvimento do que o mundo é hoje. À ela se unem também o desenvolvimento das universidades e o Iluminismo.

Esta visão de educação que permeia o ensino da escola confessional, analisada no relatório de estágio, precisa ser intencionalmente vivida por parte dos integrantes da escola confessional, não somente no que diz respeito ao que se ensina e ao que se aprende, conforme vimos anteriormente, mas também com relação a como se ensina e como se aprende, conforme Oliveira (2013):

Uma escola confessional cristã deve ter a preocupação tanto com “o quê” ensinar, quanto com “o como ensinar”, pois entende que o professor é vocacionado para o ensino e obedece a um chamado para ensinar a verdade, em qualquer campo do conhecimento e que o aluno é formado, informado e transformado pelo exercício das capacidades que lhe foram dadas por Deus; por isso o processo de ensino-aprendizagem deve ser feito de maneira criativa, expressiva, racional, pesquisadora e descobridora, em interação entre professor, aluno e objeto do conhecimento (p. 04).

E é neste ponto que encontramos a união entre as teorias de docência, currículo e confessionalidade apresentadas, para que a partir de agora o aporte da materialização seja estruturado, de modo que claramente se perceba a necessidade de unidade quando falamos das FEE que permeiam ou não a prática educativa adotada na escola.

Os campos que analisaremos com respeito ao relatório de estágio são baseados nos conceitos apresentados. Primeiro, veremos os pressupostos e fundamentos desta escola, que são apontados pelas FEE, delas derivam a perspectiva de currículo adotada por esta escola. Logo após, veremos o que a gestão atribui aos professores com relação à didática utilizada em sala de aula. Por último, iremos ver como se dá a materialização do currículo através da didática, a partir da prática efetiva dos professores em sala de aula.

Vimos anteriormente quais são os pressupostos de uma escola confessional cristã de linha reformada, tendo uma visão de que antes de servir à sociedade serve-se a um Deus único e criador de todas as coisas, inclusive tendo o ser humano sido criado à Sua imagem e semelhança, e que esta é a razão de ensinar, para que este homem seja aperfeiçoado para conhecer as verdades criadas.

Nesta mesma finalidade, entende-se a necessidade fundamental de servir também à sociedade com o que se ensina e se aprende, objetivando que o desenvolvimento não seja apenas dos indivíduos que diretamente fazem parte da escola, mas que alcance de forma intencional a sociedade em que está inserida, conforme se pode ver na primeira ilustração:

É muito importante destacar que o Colégio em questão possui uma cosmovisão cristã reformada, sendo assim, se enquadra como um colégio confessional, conforme já destacado no primeiro ponto, o qual se refere gerais sobre a escola, desta forma, temos neste, valores cristãos, os quais impactam de forma direta na prática pedagógica desenvolvida em sala de aula. Um dos exemplos em que esta cosmovisão foi marcante para o processo de ensino-aprendizagem ocorreu em uma das aulas de música, onde o professor confrontou algumas atitudes dos alunos, e falou a eles acerca do peso que era utilizar a camiseta da campanha de voluntariado do Mackenzie, intitulada, "Incentive o bem", assim, mostrou aos alunos que as atitudes deles devem ser coerentes com a mensagem escrita na camiseta utilizada, e que nas atitudes que eles estavam tendo não havia o "bem" dito na camiseta. Podemos perceber que o cuidado com o próximo e o "incentivar o bem" são de extrema importância quando o assunto é a Ética Cristã Reformada. Sendo assim, com o amor e a dedicação deste professor o bem foi incentivado, a fim de que este perdure também na vida destes alunos. Pude notar também que na prática docente da professora titular da turma os valores cristãos são utilizados, pois as ações dela são centradas no outro e não em si mesma, ela também demonstra amor para com as crianças, seja na correção, ou no acerto. Ela guia suas aulas com sabedoria, é prestativa e sempre disposta a repetir os conceitos uma vez mais, objetivando o aprendizado qualitativo de seus alunos (Relatório de estágio).

Nesta ilustração podemos notar como a ação de educar os alunos se materializa em sala de acordo com os princípios da FEE da escola, pois o que vemos é justamente o

entendimento prático do que é incentivar o bem, e foi exatamente o que o professor fez na aula, incentivando os alunos que, ao invés de se fazer o mal, se fizesse o bem, levando em conta que é fundamental que a escola confessional cristã ensine de acordo com a fé.

Na escola analisada, segundo a coordenadora pedagógica, o currículo é constituído da seguinte maneira:

Todo o currículo é montado a partir do Sistema de Ensino, e do material, em alinhamento com a BNCC, (...)

A partir da matriz curricular do colégio, que está bem alinhada com a do Sistema de Ensino, nós estabelecemos o plano anual curricular para cada série. Ao início de cada ano é realizada uma sondagem, objetivando localizar se há falta de habilidades em nosso currículo, ou se precisamos retomar algumas necessidades, de acordo com o nível de cada turma de alunos (Entrevista).

Os professores fazem uso, juntamente com os alunos, do material didático disponibilizado pelo sistema de ensino adotado, por conta desta escola utilizar o próprio sistema de ensino. Ele está alinhado intimamente com a finalidade educativa escolar, portanto é fundamental compreendermos quais são as atribuições deste material e da gestão para os professores.

Nesta instituição, o ensino se dá da seguinte forma: há uma professora polivalente e os professores das disciplinas específicas. Por esta razão, há o encontro e, conseqüentemente, a interação dos alunos com diferentes professores e, por conta dos componentes curriculares, com diferentes áreas do conhecimento.

O trabalho executado nesses moldes é realizado por uma coordenadora pedagógica, que foi participante desta pesquisa. Realizamos uma entrevista semiestruturada com a coordenadora pedagógica da escola e, conforme já informamos, buscamos nesta entrevista compreender o seu papel de gestora e identificar as atribuições direcionadas aos professores na instituição.

Além de identificar as atribuições direcionadas aos professores, a entrevista nos permitiu identificar também as FEE e observar nos registros o quanto destas incorporaram-se ao trabalho dos professores. Compreendemos estas FEE como a efetiva cosmovisão, valores e crenças da instituição e isto nos permitiu entender a relação entre as orientações quanto a prática pedagógica e a confessionalidade da instituição de ensino, tendo em vista que nem todos os professores professam a mesma fé que a escola analisada.

Já a respeito da questão de que nem todos os professores professam a mesma fé da instituição, ao ser questionada, a coordenadora citou um arsenal de soluções que são aplicadas pela escola, desta feita, demonstrando que há uma preocupação que demanda o cuidado:

No Ensino Fundamental I isso é mais simples, pois todas as professoras são polivalentes, 99% das professoras do Mackenzie tem muito forte essa questão da cosmovisão, seguem os mesmos princípios e valores, então isso é muito forte, mas algo muito importante na instituição inteira e não apenas no Ensino Fundamental I, é que o professor, independente da religião que ele professe, tenha esse olhar enquanto cidadão, porque nós sabemos muito bem que, às vezes, não depende tanto da religião que a pessoa segue, mas do que de fato ela tem como valor, então esse é um critério do Mackenzie de que um profissional que trabalhe na instituição tenha este olhar. (...) É sempre um desafio, estamos sempre trabalhando em formação continuada com os professores, inclusive na questão da cosmovisão, desse olhar amoroso e cuidadoso com os alunos, e sabemos que precisamos constantemente buscar isto, pois em algum momento da correria do dia a dia isso pode se perder, mas, como isso é o coração da instituição, todas as nossas ações, tanto da direção, quanto da gestão, norteiam este tipo de trabalho inclusive com os professores, então nós temos aí os nossos momentos de devocional, de trabalho com eles, de escuta ativa, ouvir as necessidades dos professores, porque ele precisa estar bem para passar isso para o aluno, então temos todo esse cuidado com eles, é claro que no meio do percurso houve um professor que não soube administrar um problema ou outro, isso sempre acontece, no dia a dia da nossa profissão né, mas são coisas pequenas e que são ajustadas ao longo do processo (Entrevista).

Desta feita, ficou intencionalmente transparente o conforto dela na relação estabelecida com os professores, tendo em vista que, segundo ela, é de respeito e concordância, levando em conta que a instituição age em parceria com o sistema de ensino próprio.

Portanto, na visão da gestão, encontramos clareza nas atribuições, bem como no cuidado externado na relação entre a coordenação pedagógica e os professores. Destaca-se ainda que o conteúdo a ser ensinado em sala leva consigo duas premissas básicas que são fundamentais quando tratamos das finalidades educativas escolares, são elas: o respeito e reforço do conteúdo ligado à fé professada pela instituição; e o conhecimento ensinado, ter fundamentos sólidos e verdadeiros, e não sendo relativos a quem ensina. A seguir, explicitamos uma atribuição que a gestão fez. Aos professores é atribuída a necessidade de buscar relacionar os conteúdos ensinados com os valores bíblicos que são professados pela instituição, bem como com os valores humanos universais.

Ao tratarmos de questões ligadas à didática de determinadas disciplinas, tendo em mente que os pressupostos dos professores e do material precisam se conectar, a coordenadora nos trouxe o exemplo de um dos componentes curriculares, o de Geografia, em que ela simula uma didática com fundamentos cristãos ao ensinar os alunos:

Dentro do próprio plano, quando o professor está fazendo, ele já precisa ter esse olhar do que será trabalhado, porque a gente não pode confundir a questão de: "ah se eu colocar um versículo na aula isso é cosmovisão". Não, não é! Então todas as ações que norteiam o papel do professor em sala de aula, a mediação que ele vai fazer e os links que ele vai fazer com os conteúdos.

Então, por exemplo, esse aqui é o material de Geografia, então o próprio material já vem organizado em como o professor pode atuar, quais links ele

pode fazer dentro dos próprios ensinamentos bíblicos. Então ele até pode trazer um versículo, mas aí ele destrincha, porque ele trouxe esse versículo, como isso pode ser trabalhado com os alunos. Quando a gente está trabalhando a questão urbana, de bairros, então o que eu vou usar, né, a questão da cidadania, de respeitar o próximo, o espaço do outro, então tudo isso já está dentro da cosmovisão. E claro, os professores relacionam com os versículos, e ao final de cada unidade tem um “o que você aprendeu”, e dentro dessa sessão é onde vamos puxar para vários itens. Então a questão de respeitar os meios de transporte, por exemplo, aí ele fala sobre o respeito às pessoas como um todo, inclusive às que possuem algum tipo de deficiência. Então tudo isso a gente precisa trabalhar, não só a nossa questão do trânsito, mas também qual é o meu papel enquanto cidadão na sociedade, neste exemplo que estou te dando em relação aos transportes. (...), então todas estas questões fazem parte do trabalho, não é apenas apresentar o conteúdo em si, mas é o que nós conseguimos resgatar e trabalhar com as crianças nestas questões, inclusive as questões sócio emocionais que hoje estão tão alinhadas à BNCC, e que eu digo que um colégio confessional já trabalha há muito tempo esse olhar atento à questão do ser humano (Entrevista).

A partir desta explicação feita pela coordenadora sobre como os professores podem ensinar os seus alunos de acordo com a cosmovisão da instituição, entraremos no campo da didática.

A didática é encontrada não somente no exemplo ideal da orientação pedagógica, mas também no ensino dos componentes curriculares desta instituição confessional, como demonstraremos a seguir.

A ilustração a seguir é sobre uma aula de música, onde, ao ensinar determinada canção, o professor não se mostra apenas preocupado com a apresentação que há de ser realizada no próximo fim de semana, mas no bem-estar dos alunos. Ao ensinar os alunos como tocar um instrumento, a didática está presente, tornando o momento e a forma de ensinar significativa e eficaz, ensinando o que é necessário, de formas diferentes e tratando seus alunos com dignidade e respeito, sem abrir mão do que é a FEE da escola, mas na verdade contribuindo com isso:

Durante esta aula de música, os alunos continuaram a aprender tocar na flauta doce a música “De todas as tribos”, de Guilherme Kerr, a qual, em sua letra, ensina sobre o amor de Deus em sua criação e para com os povos que habitam a Terra. Vi também que a prática docente deste professor é fundamentada nos princípios da escola, pois ele tem combinados com os alunos, que são os seguintes:

#SaberOuvir

#SerGentil

E estes mesmos são seguidos, proporcionando um ambiente propício para o ensino e aprendizagem, e facilitando as relações. A forma como ele ensina e a leveza que é transmitida em suas aulas também demonstram que ele possui certeza do que está ensinando e da forma como o faz. Isso pode ser percebido na situação em que, ao faltar cerca de uma semana para a apresentação da música na Mostra do Conhecimento, não pressionou as crianças para que estivessem perfeitas, como se o erro pudesse ser evitado a todo custo, ele seguiu ensinando elas e ensinando sobre a dedicação e a necessidade de praticar, para que fosse desenvolvido um senso de responsabilidade para além da pressão da apresentação, ele queria que os

alunos criassem gosto e amassem o que estavam aprendendo, apesar do grau de dificuldade (Relatório de estágio).

Destacamos aqui os momentos de ensino e de cuidado com os alunos, para que aprendam, ainda que ensaiando para uma apresentação, não apenas para apresentar e esquecer, mas para que realmente utilizem os conhecimentos aprendidos, seja em relação ao instrumento utilizado, no caso a flauta doce, como também a música e sua letra que revelam quem é Deus e sua compaixão pelas mais diversas nações e pessoas, pois foram feitas por Ele.

Tendo apresentado alguns temas fundamentais para a análise da materialização do currículo na sala de aula de uma escola confessional, seguiremos com a análise teórica destes relatos e recortes, objetivando compreender como se dá o processo de materialização deste currículo.

2.5 A identidade institucional em sala de aula

Neste capítulo final, trataremos da materialização de conceitos que definimos no início deste artigo, com os quais analisaremos agora a prática observada na sala de aula.

Os dados apresentados no capítulo anterior exemplificam diretamente o que os conceitos de currículo, FEE, identidade institucional, entre alguns outros, que são basilares ao nosso trabalho. Nesta seção, analisaremos a relação de atribuição e pertença da gestão para com os professores, bem como os efeitos disso na materialização do currículo.

Naturalmente, como em todas as escolas, também nesta confessional o currículo é materializado não apenas por um professor em cada turma, mas por outros professores, especialistas. Então, por exemplo, a aula de Música possui um professor diferente dos componentes básicos do currículo, tais como Matemática, Língua Portuguesa e Geografia. Estas matérias, quem ministra é a professora polivalente e titular da turma. Para realizar os componentes específicos, os alunos se dirigem ao ambiente de aula dos professores especialistas.

No próximo parágrafo, ilustraremos, também, que nem todos os professores possuem essa mesma sensibilidade e cuidado necessário para o ensino dos alunos:

Nas turmas da aula do componente de Educação Física, as turmas são mistas, ou seja, são duas salas juntas em um mesmo horário e quadra. Por isso, ministram as aulas três professores e algumas estagiárias do programa de inclusão da instituição de ensino, elas ficam dedicadas ao cuidado de seus respectivos alunos, os quais carecem de cuidados especiais. Durante estas aulas, as atividades desenvolvidas nem sempre eram totalmente direcionadas, elas, por vezes, eram desorganizadas, e nem sempre supervisionadas. Havia de ser o ideal para os alunos e, por conta disso, ao contrário do que acontecia em outras aulas, nesta os alunos do programa de

inclusão não conseguiram se sentir incluídos e por vezes se isolavam com sua tutora. As atividades desenvolvidas nem sempre atingiam a todos, por conta do horário, e havia músicas de fundo que nem sempre expressavam-se alinhadas com os pressupostos da escola e, assim, não contribuem para a materialização destes na escola, bem como a mesma questão referente ao currículo se encontrava comprometida (Relatório de estágio).

Essa disciplina afeta os alunos e a instituição, caso não seja desenvolvida de forma a cumprir com o que se propõe, tendo em vista que as atribuições realizadas pela orientação pedagógica são essenciais para o constante caminhar rumo ao cumprimento das FEE. Deste modo, quando tratamos do plano de aula desta disciplina, é necessário compreendermos se de fato ele segue as orientações, considerando que elas não devem engessar a prática pedagógica e didática do professor, mas precisam proporcionar solo firme no desenvolvimento de ações que reflitam a finalidade educativa da escola.

Por vezes, na entrevista realizada com a orientadora pedagógica, foi possível compreender que há reuniões de alinhamento do currículo:

Nós também fazemos reuniões semanais com os professores nas janelas de tempo, eles me encaminham uma semana antes o plano semanal, e nós os discutimos, seja na forma de ensinar, ou no que será ensinado, buscamos proporcionar o conhecimento a partir dele, e auxiliar os professores no cumprimento do que se deve ensinar, tendo sempre como base o material orientado e a cosmovisão institucional (Entrevista).

No que tange ao currículo, é sabido que uma das funções principais dele é garantir que os conhecimentos que são necessários à determinada sociedade sejam ensinados em determinada instituição de ensino, e aqui não é diferente, no currículo instituído para esta escola é incluso o componente de Educação Física, e há razões para tal, a principal delas é o desenvolvimento motor e social dos alunos, para que possam crescer conhecendo os seus corpos e sua capacidade, conforme nos diz a Base Nacional Comum Curricular:

Diante do compromisso com a formação estética, sensível e ética, a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos, ao criar oportunidades e contextos para ler e produzir textos que focalizem as distintas experiências e vivências nas práticas corporais tematizadas. Para tanto, os professores devem buscar formas de trabalho pedagógico pautadas no diálogo, considerando a impossibilidade de ações uniformes (BNCC, 2017, s/p).

Notamos, a partir da própria política educacional que baseia o currículo nacional, a relevância do desenvolvimento dos alunos por meio dos conhecimentos ensinados neste componente curricular, atrelados principalmente ao que é ensinado em outros, portanto encontra-se aqui a interdisciplinaridade entre eles, bem como a complementação de conhecimentos.

A perspectiva curricular da escola analisada também não difere do que encontramos na Base, conforme vemos a seguir na fala da coordenadora de Educação Física e Esportes da instituição:

A Educação Física escolar é um componente relevante na construção da cidadania. Sua prática amplia as possibilidades de o aluno formar-se de maneira integral e de inserir-se no contexto social de forma efetiva. Integrada à proposta pedagógica do Colégio Presbiteriano Mackenzie, da Educação Infantil ao Ensino Médio, ela busca oferecer experiências de movimento adequadas ao nível de crescimento e desenvolvimento do estudante, a fim de que a aprendizagem das habilidades motoras seja alcançada (Entrevista).

Portanto, em consonância com o que é apontado pela Base, a coordenação da área de ensino desta escola apoia a perspectiva de que este componente é relevante para o desenvolvimento do aluno e que deve ser ensinado de modo a proporcionar aos alunos experiências de movimento adequadas, ou seja, todos eles devem participar e serem ensinados, claro que de acordo com as suas capacidades e possibilidades.

O que encontramos aqui é uma instituição que oferece formação continuada e busca proporcionar a seus colaboradores suporte pedagógico e de vida, se preocupando como um todo com seus colaboradores e alunos. A questão que fica, portanto, é a de compreender se há correspondência entre as atribuições sendo feitas aos professores pela coordenação e as pertenças adquiridas pelos professores e, para além disto, refletirmos a razão das atribuições não se tornarem pertenças presentes na materialização do currículo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar a pergunta que lhe deu início: *Como os professores do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola confessional cristã materializam na sala de aula o sistema de ensino proposto pela instituição mantenedora?*

No decorrer deste artigo, pudemos discutir: o que é currículo, qual a identidade dessa instituição, qual a sua finalidade educativa escolar e, por fim, analisar a materialização deste currículo à luz de suas bases teóricas, pedagógicas e filosóficas como escola confessional.

No início desta pesquisa apresentamos diferentes concepções de currículo de forma linear, observando o curso dele e objetivando que, a partir desta exposição, tivéssemos uma visão do que ocorreu no passado, para que olhando para o hoje, possamos compreender a formação destes professores com relação à sua docência. Terminamos essa seção compreendendo que o trabalho se seguiria com uma das visões apresentadas e que se aproxima da forma como essa escola ensina, sendo a perspectiva de Michael Young.

Posteriormente, olhando ainda para o currículo, entendemos que a escola possui, a partir de sua filosofia e finalidade educativa escolar, um currículo normatizado, sendo o mesmo fornecido por um sistema de ensino próprio e, por conta disto, o fundamento em que este sistema de ensino está ancorado é o mesmo.

Logo depois partimos para o que seria a escola confessional e como ela de fato é, percebendo quais são as atribuições realizadas por parte da orientação pedagógica. Levantamos estes dados a partir da entrevista realizada com a orientadora pedagógica da instituição e, nesta entrevista, encontramos o que a escola espera de seus colaboradores, as atribuições que são feitas buscando que estes tenham uma prática pedagógica ancorada e assistida pela instituição.

Retornamos então para a sala de aula, revisitando as anotações anteriormente realizadas para o estágio e aqui encontrou-se o que os professores realmente incluem em sua prática docente como pertença, tendo por base atribuições que lhe são feitas.

Observamos que, dentre os professores, temos alguns que levam a fio as finalidades da escola e, mesmo dentro da sala de aula, o que é proposto no currículo normatizado é ensinado, realmente demonstrando que as atribuições de ensinar a cidadania, ensinar os alunos de acordo com a visão cristã da escola e, de fato, ensinar o conteúdo proposto de acordo com o que o material propõe, são adquiridas como pertenças em sua docência.

Em contrapartida, há professores que não assumem as atribuições realizadas. Assim, o processo de materialização do currículo de acordo com a finalidade educativa da escola fica comprometido, apresentando aos alunos formas confusas de ensinar, por conta do fundamento no qual a didática deste professor é praticada ser diferente do fundamento que a escola sustenta.

Ao chegar ao fim desta pesquisa, concluímos que o currículo é parte fundamental da escola, e é construído considerando a finalidade educativa da mesma, que permeia todas as ações que ela desenvolve, desde uma orientação, até mesmo o material didático a ser selecionado para o aprendizado dos alunos.

Portanto, a seleção do material, formação continuada dos professores e cosmovisão da gestão e orientação pedagógica precisam estar alinhadas em apenas uma sintonia, com respeito e cuidado, seguindo a própria finalidade educativa da instituição, da escola, da educação dos colaboradores e principalmente dos professores, precisa acontecer de modo próximo, para que a finalidade educativa atribuída encontre sentido, se tornando uma pertença e sendo materializada justamente com o currículo na sala de aula.

4. REFERÊNCIAS

- ARCI, M. R. *O ensino religioso confessional protestante: discutindo a proposta comeniana de interação didático-pedagógica*, 2010.
- BEVILAQUA, A. P. John Dewey e a Escola Nova no Brasil. *Ciência & Luta de Classes*, 2014, 1.1.
- BITTAR, M. Escola confessional. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: *trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 de maio de 2021.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.html. Acesso em: 10 agosto de 2021.
- CARDOSO, L. A. de. et al. *Sistemas de Ensino Mackenzie na prática*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.
- FERNANDES JÚNIOR, J. P. et al. *Gestão educacional em instituições confessionais no contexto brasileiro: singularidades e desafios*, 2019.
- GANGEL, K. O. *Fundamentos Bíblicos da Educação*. In: *Fundamentos Bíblicos e Filosóficos da Educação*. São Paulo: ACSI - Associação Internacional de Escolas Cristãs, 2004.
- GOMES, D. C. *Como Sabemos? O Professor e as Teorias do Conhecimento*. FIDES REFORMATATA XIII, Nº 2 (2008): 65-96. Disponível em: [//cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/4-Como-sabemos-o-professor-e-as-teorias-do-conhecimento-Davi-Charles-Gomes.pdf](http://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/4-Como-sabemos-o-professor-e-as-teorias-do-conhecimento-Davi-Charles-Gomes.pdf). Acesso em: 20 de agosto de 2021.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. 2. Ed. São Paulo, Cortez, 2013.
- LIBÂNEO, J. C. *Finalidades educativas Escolares em Disputa, Currículo e Didática*. ENDIPE, 2019. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/edipe/artigo_03.html. Acesso em: 15 de agosto de 2021.
- LOPES, A. N. *O que é uma Escola Cristã*. AECEP, 2018. Disponível em: <https://aecep.org.br/o-que-e-uma-escola-crista/>. Acesso em: 20 ago 2021.
- MALANCHEN, J. O realismo social de Michael Young e a pedagogia histórico-crítica: perspectivas e aproximações na definição do conhecimento escolar. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente/SP, v. 29, n.3, p.95-134, Set./Dez., 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/5825/pdf>. Acesso em: 07 de abril de 2021.
- MARTINELLI, T. A. P.; SOUZA, R. A. de. *John Dewey e a formação de professores: aspectos da influência sobre a formação docente no Brasil*, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/2600_1488.pdf. Acesso em: 20 de ago 2021.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, D. B. M. O. Lidando com a Diversidade em Escolas Confessionais Cristãs. *Primus Vitan: revista de ciências e humanidades*, 2013. Disponível em: http://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_6/debora.pdf. Acesso em: 25 ago 2021.
- OLIVEIRA, F. A. de. *Diagnosticando os Sintomas do Nosso Tempo: Parte 1 – Um Ensaio Crítico sobre os Ídolos da Modernidade*, 2011: FIDES REFORMATATA XVI, Nº 2 (2011): 51-94. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/3-Diagnosticando-os->

[sintomas-do-nosso-tempo-Parte-1-%E2%80%93-um-ensaio-cr%C3%ADtico-sobre-os-%C3%ADdolos-da-modernidade-Fabiano-de-Almeida-Oliveira.pdf](#). Acesso em: 30 ago 2021.

SACRISTÁN, J. G. *O Currículo: Uma Reflexão sobre a Prática*. Porto Alegre: Artmed, 2020.

XAVIER, L. N. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. 1. Ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

Contatos: larissas.beira@gmail.com

marili.vieira@mackenzie.br